

A escrita de si como exercício filosófico para o ensino médio: elaborando um diário de pensamentos

HELDER FELIX PEREIRA SOUZA*

VALQUIRIA VASCONCELOS DA PIEDADE**

Resumo

Este breve ensaio tem o intuito de expor uma possibilidade de se exercitar a filosofia no ensino médio. Com base na confecção e escrita de um diário de pensamentos, os alunos serão iniciados em um hábito que remonta aos antigos gregos e romanos na prática da escrita e diálogo consigo mesmo como preparo para um diálogo com outros colegas. São utilizados, para esclarecer melhor a ideia, autores como Michel Foucault, para tratar da escrita de si, e Heidegger, a fim de desenvolver a noção de pensamento.

Palavras-chave: ensino médio; prática de filosofia; escrita de si; pensamento.

Self writing as a philosophical exercise for secondary education: making a diary of thoughts

Abstract

This brief essay has intention to expose a possibility of exercising philosophy in high school. Based on the preparation and writing of a diary of thoughts, students will be initiated into a habit that dates back to the ancient Greeks and Romans in the practice of writing and dialogue with oneself in preparation for a dialogue with other colleagues. Are used to clarify the idea, authors such as Michel Foucault, to treat the writing itself, and Heidegger in order to explicate the idea of thought.

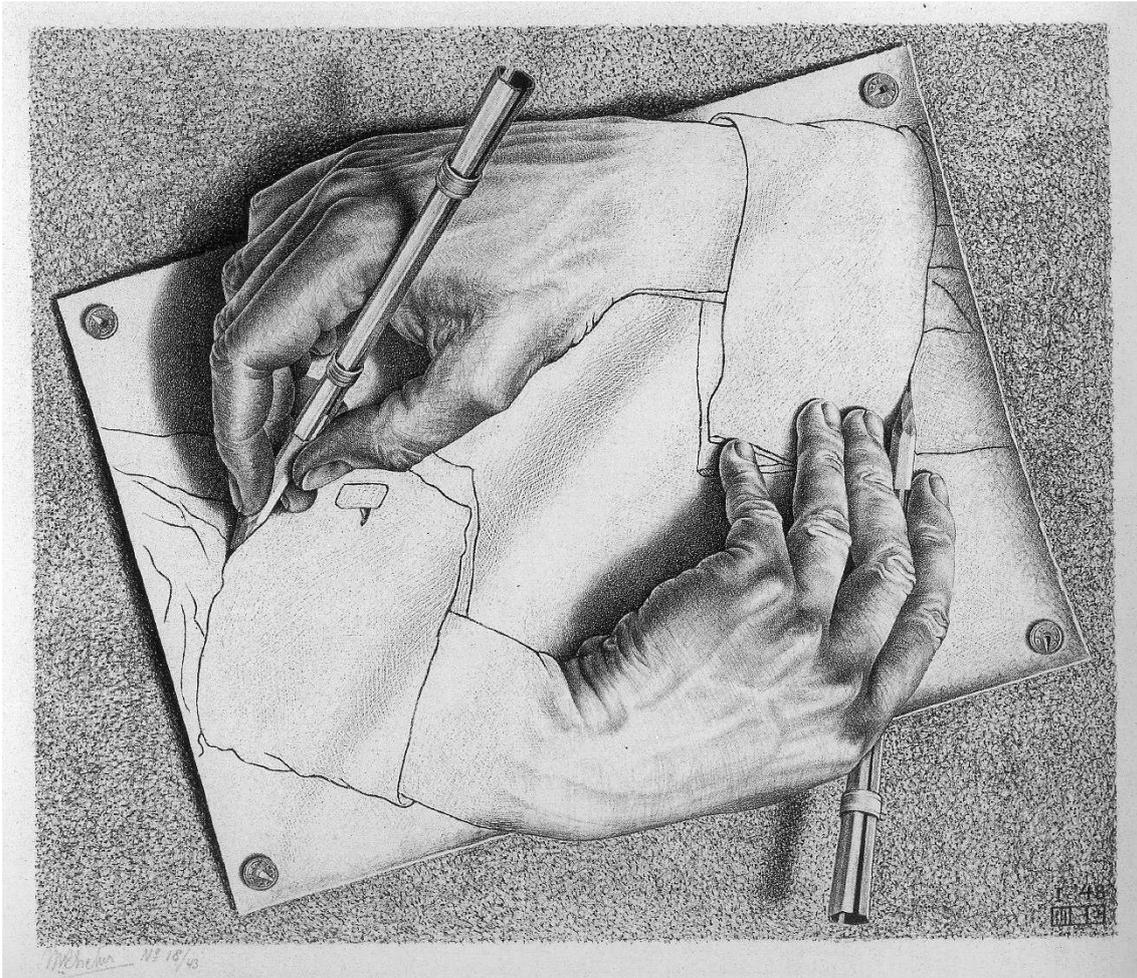
Key words: high school; practice of philosophy; writing of himself; thought.



* **HELDER FELIX PEREIRA SOUZA** é Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



** **VALQUIRIA VASCONCELOS DA PIEDADE** é Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina - PPGT-UDESC.



ESCHER-Drawing Hands (1948)

Introdução

Não devemos limitar-nos nem só à escrita, nem só à leitura: uma diminui-nos as forças, esgota-nos (estou-me referindo ao trabalho da escrita), a outra amolece-nos e embota-nos a energia. Devemos alternar ambas as atividades, equilibrá-las, para que a pena venha a dar forma às ideias coligidas das leituras. (SÊNECA, 2004, p.380).

Este ensaio parte da afirmação de que é possível exercitar a filosofia no ensino médio. Para isso retoma-se a escrita de si destacada por Foucault em sua obra *Hermenêutica do Sujeito*, principalmente ao dizer sobre a prática da escrita na antiguidade greco-romana. Com o intuito de propor, como prática filosófica, a elaboração do diário de pensamentos entre alunos e professores do ensino médio a fim de estimular através da escrita o solilóquio (diálogo consigo mesmo), a leitura e posteriormente o diálogo com outros (entre colegas de sala).

Para isso, na primeira parte deste ensaio discorre-se brevemente sobre o que se compreende por saber filosófico e pensamento, na medida em que ambos os conceitos se intercalam e dificilmente são separáveis ao tentar distingui-los. Na segunda parte, busca-se dizer sobre a importância da escrita como exercício filosófico, indicando a possibilidade da construção de um diário de pensamentos entre alunos e professores, a fim de praticar a filosofia como pensamento reflexivo. Na terceira parte, são dispostos o modo de se confeccionar e a maneira de se utilizar o diário de pensamentos.

Por fim, em considerações finais, destaca-se a importância da sabedoria dos antigos gregos e romanos que através da escrita de si praticavam algo que nos dias de hoje parece esquecido e que se bem aplicado pode proporcionar bons resultados no exercício da filosofia no ensino médio.

1. Sobre a filosofia e o pensamento

Antes de falar sobre o exercício da filosofia no ensino médio é importante dizer algumas palavras para apontar o sentido que se pretende com a utilização do termo filosofia e inevitavelmente sobre o termo pensamento, haja vista ambos os conceitos estarem imbricados. Pois todo o cuidado na utilização e articulação de palavras e conceitos é importante para que os neófitos sintam-se convidados a adentrar cada vez mais nessa área tão rica do saber humano.

Deste modo, caminhando com a simplicidade de passos leves e firmes é possível clarear, ao menos em um primeiro contato, o que se entende por filosofia e pensamento.

Para isso, Fernando Savater (2005), um grande filósofo espanhol, diz que filosofia é um constante questionar e

questionar-se sobre perguntas fundamentais que não se esgotam ao serem feitas e nem cabem suficientemente nas respostas. Questões essas como as que buscam por Quem somos? O que é vida e morte? O que estamos fazendo? etc., e que fazem parte de nossa existência comum, cujas informações que recebemos da nossa vivência não são suficientes para abordá-las e nem mesmo a ciência as responde totalmente, mas que por toda nossa vida, ou ao menos em alguns momentos, nos deparamos seriamente com elas.

Essas perguntas, que não são facilmente abordadas pelo que chamamos de senso comum e nem suficientemente tratadas pela ciência, são questões que a própria filosofia sempre tenta enfrentar.

Para esclarecer melhor, Savater nos presentearia com três importantes distinções para delimitarmos o âmbito do saber de que estamos falando:

Digamos que ocorrem três níveis diferentes de compreensão: a) a *informação*, que nos apresenta os fatos e os mecanismos primários do que acontece; b) o *conhecimento*, que reflete sobre a informação recebida, hierarquiza sua importância significativa e busca princípios gerais para ordená-la; c) a *sabedoria*, que vincula o conhecimento às opções vitais ou valores que podemos escolher, tentando estabelecer como viver melhor de acordo com o que sabemos. Creio que a ciência se move entre o nível a) e b) de conhecimento, ao passo que a filosofia opera entre o b) e o c). (2001, p.5-6).

Assim, o primeiro nível de compreensão e o mais imediato de todos é o da informação, ou seja, é aquele em que todos nós estamos acostumados e que muitas vezes o chamamos de senso

comum. O segundo nível e razoavelmente mediato, é o do conhecimento, que elabora melhor as informações recebidas, as refina em uma sistematização, é capaz de conferir maior confiança em relação ao seu conteúdo e que Savater a chama de ciência. Por fim, a sabedoria, capaz de destilar melhor as questões tratadas pela ciência permitindo-se ir além e que o pensador espanhol intitula de filosofia, pois trata de questões aparentemente simples, porém fundamentais da vida, que influenciam nossos diversos modos de ser.

Por mais que esses três âmbitos estejam interligados entre si, a filosofia é uma forma de pensamento um pouco diferente dos demais, pois permite nos distanciar daqueles conhecimentos mesmo estando bem próxima, colada a eles. Neste momento, podemos distinguir a filosofia como uma forma de pensamento que é semelhante àquele que Heidegger (2000), o filósofo alemão, chamou de pensamento reflexivo e que se encontra ativo quando é filosófico, pois medita. Mas pouco ou quase nada ativo quando é um pensamento calculador, pois somente planeja, organiza, tal como o pensamento científico ou do senso comum, que é menos demorado, mais imediato e necessariamente instrumental, pois lida diretamente com as questões que exigem praticidade na vida.

Assim, temos dois momentos importantes no pensamento: o filosófico, que se liga a um pensamento comum a todos os homens, porém mais demorado, difícil, que exige esforço, e por isso reflexivo. Este se encarrega de pensar questões como: Quem sou? Quem somos nós? Ou, o que estamos fazendo? Deste modo é capaz de, mesmo próximo, distanciar-se das

primeiras impressões do senso comum e da própria ciência, demorando-se mais nos problemas, enfrentando assim as questões mais fundamentais. Em segundo momento, há o pensamento que calcula, podendo ser entendido aqui como um pensamento menos demorado, mais direto e momentâneo, que se encarrega da utilidade, do planejamento e da organização das informações, que está mais ativo na ciência e no senso comum do homem.

2. Exercitando a filosofia através da escrita

Agora que distinguimos três formas de saber (senso comum, científico e filosófico) e compreendemos dois modos de pensamento (reflexivo e o que calcula), podemos partir para uma tentativa de exercitar a filosofia através do pensamento reflexivo. Para isso, tomemos emprestado os ensinamentos clássicos dos antigos gregos e romanos, e adotemos a escrita como um importante exercício de cuidado de si.

Foucault, ao pensar reflexivamente sobre a formação do sujeito desde a antiguidade até a modernidade, encontrou diversas técnicas utilizadas pelos antigos que lhes conferiam maiores e melhores cuidados com relação a suas vidas. O pensador francês cita práticas ligadas “à escuta, à leitura, à escrita e ao ato de falar.” (2006, p.401). Mesmo que tais práticas tenham uma relação em comum, nos deteremos mais no exercício da escrita. Pois, como Foucault descreve:

Nessa cultura do cuidado de si a escrita é, ela também, importante. Dentre as tarefas que definem o cuidado de si, há aquelas de tomar notas sobre si mesmo – que poderão ser relidas –, de escrever tratados e cartas aos amigos, para os ajudar, de conservar os seus cadernos a fim

de reativar para si mesmos as verdades da qual precisaram. As cartas de Sócrates são um exemplo desse exercício de si. (1994, p.8).

Dentre os diversos modos de escrita, como a de tomar notas sobre si, escrever tratados e cartas aos amigos para auxiliá-los em algum problema, ficaremos com a ideia de conservar cadernos para manter uma memória e reforço daquilo que nos é mais valioso. Possibilitando assim, estabelecer um diálogo demorado consigo mesmo, através da escrita e de uma leitura póstera dos próprios pensamentos.

Essa “caderneta de notas” (FOUCAULT, 2006, p.153), ou melhor, diário de pensamentos, implica em um tipo de exercício de escrita pessoal no qual diariamente o aluno e o professor podem escrever o que acham necessário anotar. Desde informações simples do cotidiano, que chamaram atenção, até mesmo máximas ou ideias retiradas de livros ou das discussões travadas dentro e fora da escola, mas principalmente escrever pensamentos que ao final do dia possam ser meditados e até mesmo reescritos.

Esse exercício de escrita, em um momento inicial, quando se escreve aquilo que se pensa sozinho, fruto de um solilóquio (diálogo interior), é um primeiro passo para exercitar a filosofia e o pensamento reflexivo. Posteriormente, na leitura e releitura das notas passadas e até mesmo a reescrita daquilo que foi pensado, permite um refinamento do próprio pensamento que medita sobre os problemas colocados nas notas e é capaz de destilar melhor as informações do dia-a-dia.

Por fim, após todo esse processo, há um momento de compartilhamento dos escritos através da leitura para e com os colegas sobre as conclusões e as partes mais importantes dos escritos. Tais

exercícios, se levados a sério, reforçam o pensamento reflexivo e instigam possíveis diálogos.

3. Elaboração do diário de pensamentos

Nesta parte, após discorrer sobre a filosofia e o seu entrelaçamento com o pensamento reflexivo, e também de destacar a importância da escrita como exercício filosófico adotando a caderneta de notas ou o diário de pensamentos como uma prática capaz de ativar o pensamento reflexivo e exercitar a filosofia, podemos elaborar para os alunos do ensino médio um diário de pensamentos estimulado pelas ideias anteriores.

Deste modo, cada aluno, inclusive o professor, confeccionará artesanalmente seu próprio material que poderá ser feito conjuntamente em sala de aula, dada sua simplicidade. Segue abaixo algumas indicações para sua elaboração.

Para confeccionar um livreto retangular de 10cmX15cm (ou da medida que quiser, mas o interessante é ele ser pequeno para poder carregá-lo no bolso) basta ter os seguintes materiais: algumas folhas de papel sulfite (20 folhas dobradas em 4 partes fazem um livreto de 80 páginas); uma cartolina ou papel mais grosso para fazer a capa; um pedaço de fita de tecido razoavelmente largo para fazer o reforço da dobradura e lombada do livreto; linha de costura; agulha fina; tesoura; cola branca (de papel comum); régua; e furadeira. Primeiramente, separar 4 montinhos de 5 folhas; dobrar ao meio cada montinho de 5 folhas e cortar na marca da dobra a fim de obter 10 folhas retangulares aproximadamente quadradas; dobrar novamente as 10 folhas para obter uma forma retangular aproximada do quadrado e mantê-las dobradas assim.

Repetindo o processo com todos os montinhos de folhas, teremos ao fim 4 novos montinhos dobrados com 20 páginas cada um, perfazendo um total de 80 páginas no livreto. Junte cada montinho, um em cima do outro, como um bloco, todos os 4 montinhos, e com cuidado para que nenhum escape da ordem, marque um ponto à lápis distando aproximadamente 0,5cm da dobra na parte lateral e na superior (parte de cima do livreto) e outro ponto na parte lateral e inferior da dobra (parte de baixo do livreto). É importante fazer mais dois pontos distando 0,5cm da dobra e distando cada um proporcionalmente entre os pontos superior e inferior (cima e baixo) do livreto para dar mais firmeza às páginas. Com cuidado, prender bem o corpo do livreto em uma base de madeira velha, que possa ser descartada, e com a furadeira na menor broca possível (na medida em que seja suficiente passar uma agulha fina) furar precisamente cada ponto do livreto até o fim, atravessando o outro lado do mesmo. Depois com a agulha e linha de costura, costurar cada ponto até ficar firme, finalizando com um nó em cada ponto e cortando as rebarbas. Neste momento, com o livro quase pronto, basta fazer a capa recortando a cartolina ou um papel mais duro, colando-a nas duas primeiras e duas últimas páginas, para ficar mais resistente. Não se esqueça de deixar um espaço de mais ou menos 1cm entre a capa e a parte lateral da dobra (onde está a costura) para preencher suficientemente com cola branca (até a parte de trás, entre as nervuras, na lombada) e colar adequadamente a tira ou as tiras da fita de tecido para reforçar a dobradura e a lombada do livreto. Deixe-o secando com a parte da lombada para cima e após um dia o livreto está pronto para o uso! É interessante utilizar a criatividade para

elaborar diferentes livretos, de formas e tamanhos diversos, com coloridos e texturas personalizadas na capa ou no próprio papel do livreto. Isso fica a critério de cada um. Depois de pronto, é importante que cada aluno personalize o seu livreto e logo na primeira página ou na capa escrever algo parecido como 'Diário de Pensamentos'.

Como é um diário, é importante que cada aluno escreva todo o dia algum pensamento que lhe veio à cabeça ou que, leu ou ouviu. Pode ser algo que ocorra no momento (por isso seria interessante o aluno andar com o livreto no bolso) ou que ao final do dia o aluno dedique um tempo para escrever no diário o que acha relevante dizer e anotar, para depois lê-lo e pensar reflexivamente sobre o seu próprio dia. Perguntar-se, por exemplo, coisas como 'O que eu fiz de bom hoje?', 'Porque acho que foi bom o que fiz?' ou 'O que fiz de ruim hoje e porque acho que foi ruim?', 'O que deveria corrigir em meu dia para que ele fosse melhor?', etc.

Ao final de um mês de exercício, pede-se ao aluno que faça um balanço de seus pensamentos durante todo esse tempo e escreva alguma conclusão geral sobre o que anotou, pois isto será discutido e compartilhado com outros colegas (diálogo com o outro). É importante, neste momento, o professor ficar atento aos temas abordados pelos alunos para aproximar e convergir os pensamentos expostos ao nível filosófico.

Considerações finais

Confeccionar um simples diário de maneira artesanal, ao mesmo tempo em que se pratica a escrita manual de pensamentos em um diário particular, demorando-se na reflexão sobre os mesmos, implica em uma excelente atividade para ser utilizada no ensino

médio, pois exercita a escrita, a leitura e o pensamento meditativo. Algo que muitas vezes é deixado de lado no cotidiano atual, frente à facilidade dos inúmeros dispositivos tecnológicos, como celulares, computadores, tablets, etc. que encobrem de impessoalidade e esterilidade o reconhecimento singular da própria escrita à mão, do próprio diário confeccionado, e, principalmente, das próprias narrativas e reflexões guardadas a punho e em nome próprio nos diários.

Além do mais, estimular a reflexão de si e a reflexão com o outro através da escrita e da leitura de si, são práticas que parecem intuitivamente esquecidas, frente à sedução e o brilho das coisas mais imediatas da atualidade. Demonstrando que alguns hábitos dos antigos gregos e romanos podem ser retomados e, quando bem utilizados, servirem como potentes ferramentas para exercitar a filosofia entre alunos do ensino médio e principalmente reativar práticas até então esquecidas dos cuidados de si.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As técnicas de si**. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. Disponível na web: < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/techniques.html> > Acesso: 05/11/2013.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos e Escritos. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneo. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J.A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Recebido em 2013-12-11
Publicado em 2014-05-11